



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

## A DEMOCRACIA ATRAVÉS DOS CLÁSSICOS DA FILOSOFIA POLÍTICA.

<sup>1</sup> ; *Sergio Fernando Maciel Corrêa*<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente projeto de extensão, desdobramento do projeto anterior "Filosofia: Michel Foucault e a História da Sexualidade.", procurou investigar e indagar os os textos clássicos da filosofia política que tratam da democracia e de como eles podem servir como chave de leitura da condição vigente do homem e da sociedade contemporânea e da política atual e, conseqüentemente, para compreensão das formas de ser da cidadania. O procedimento aconteceu por meio de grupo de estudos no qual foram contempladas a leitura crítica e debates textos antigos, medievais, modernos e contemporâneos que tratam da democracia em seu viés ético-político e da moral, tentando para a relação que essas dimensões do agir humano têm entre si.

Tratou-se de uma debate aberto a comunidade do Câmpus Videira do IFC e ocorreu sistematicamente no espaço físico da biblioteca. A organização do Grupo se deu sempre por parte do Estudante bolsista com anuência do coordenador. Foi de responsabilidade do Bolsista a condução das leituras e dos debates sempre com a colaboração do coordenador.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A condução deste projeto de extensão se efetuou através de uma leitura crítico imanente que estará definida mais a frente. Sua metodologia de trabalho se fundou nos princípios da visão indissociada do ensino, pesquisa e extensão dos campos do conhecimento filosófico, científico e tecnológico. Por certo o primeiro passo foi Leitura. Lendo em grupo palavra a palavra, frase a frase livros e/ou fragmentos dos textos Clássicos, procurando adquirir olhos para ver a questão filosófica, o elemento da filosofia, não obstante a roupagem acidental do contexto histórico-político-econômico-social-cultural no qual está situado o pensamento político ocidental.

---

1 Aluno do segundo ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do *Campus* Videira do IFC. E-mail: [jean.kle616@gmail.com](mailto:jean.kle616@gmail.com)

2 Professor. de Filosofia do *Campus* Videira do IFC e orientador do projeto de pesquisa. E-mail: [sergio.correa@ifc.edu.br](mailto:sergio.correa@ifc.edu.br)



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

Vendo no dito o não-dito, na frase as entrelinhas que a sustenta e lhe confere sentido. Aprendendo a partejar frases-carregas! A coisa mesma da filosofia é a mesma coisa que aparece e transparece em todo e qualquer filósofo! Por outro lado, a Escrita. Os membros do Grupo, em especial o estudante bolsista, necessariamente, desenvolveu as suas pesquisas e apresentá-las por escrito e oralmente no grupo. Os textos, os esboços deverão forão socializados e debatidos nas reuniões.

Desta forma, houve um comprometimento com o corpo de regras de leitura utilizado por Wolfgang Müller-Lauter, importante interprete da Obra de Nietzsche, que define o que significa ler a obra de um filósofo a partir do método de leitura crítico imanente: “esforço para compreender um pensador em seus interesses mais próprios, mesmo quando se quer observá-lo de ‘fora’, de qualquer ponto de vista que seja” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 24). É com o uso do método de leitura crítico imanente que o comentador pretendeu criticar o entendimento de metafísica que Martin Heidegger atribuiu à Nietzsche (MÜLLER-LAUTER, 1997, p.72).

A Principal infraestrutura usada foi a biblioteca do Campus Videira do Instituto Federal Catarinense a qual tem uma área construída de 630 m<sup>2</sup>, Na Biblioteca utilizamos o serviço de apoio à iniciação científica é o serviço de mediação educativa oferecido nas áreas da busca, seleção e uso de informações em produções acadêmicas. São oferecidos treinamentos específicos abrangendo orientações de uso dos recursos da biblioteca, visitas orientadas, uso de bases de dados, pesquisas na internet, normatização bibliográfica e elaboração de projetos de pesquisa. Foi neste espaço de leitura que aconteceram as reuniões e orientações com a acadêmica voluntária.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A democracia nunca será um sistema fechado e sempre estará em debate. Filósofos como Platão, Aristóteles e historiadores clássicos como Tucídides abordaram o tema há pelo menos 2400 anos. A questão da verdade, da diferença e da igualdade, de qual procedimento adotar sempre estão sujeitas à novas análises e definições. Que tipo de cidadania se que exercer, que qualidades morais se cultivar nos cidadãos sempre estarão presentes no debate sobre a democracia.

Algum leitor poderia objetar: mas este problema da *verdade* se relaciona com a democracia e com regimes tirânicos. O problema que os lisonjeadores têm outra



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

face em regimes democráticos e assumem o papel da demagogia, e que Michel Foucault será muito claro ao afirmar: “Nas democracias, é o demagogo que cumpre o papel de lisonjeiro, porque ele é uma espécie de cortesão do povo” (FOUCAULT, 2011, p. 54). O que nos resta como reflexão a partir do exposto é uma pergunta por demais desafiadora e pertinente: “Por que a democracia é um lugar tão difícil, tão improvável, tão perigoso, para a consolidação do dizer verdadeiro?” E aqui está o ponto que precisamos tentar resolver nesta comunicação: a (im) possibilidade da diferenciação ética no campo político da democracia.

Neste caso temos que operar com um conceito biopolítico, que é a noção de corpo político. Enquanto o príncipe tirano é possuidor de um poder sem limites, não é conhecedor de coerções jurídicas e é capaz de praticar toda violência e, portanto, é possuidor de um *ethos* individual e é ele mesmo o corpo político. Já em uma democracia o corpo político não é individual, mas plural, diverso, antagônico e o governo que deste processo emerge é um apaziguador de conflitos. Aliás desde Hobbes, o soberano é um apaziguador, um poder instituído cuja função maior é administrar a vida humana. Neste caso, temos um déspota de tipo novo que não é uma pessoa, não é um conjunto de aristocratas, mas são dispositivos de governamentalidade.

As formas de governamentalidade que brotam destes processos plurais assumem o dispositivo da administração da vida humana, da segurança que invade a vida privada dos cidadãos, e, ousamos afirmar: infantilizam o sujeito de direitos. Neste caso há um claro impedimento do governo de si mesmo, pela busca incessante pela tutela daquilo que podemos chamar de governo. Ora, o que temos é um claro amortecimento da individualidade que não precisa ocupar-se consigo mesma, mas um sujeito que é tratado como caso de utilidade pública. Esta forma de governamentalidade serve para gerir a crise, ou seja, aquilo a partir do qual a causa não se tem mais domínio, mas só se pode minimizar os efeitos: uma epidemia, uma catástrofe natural, uma rebelião de insurgentes, tranquilizar uma região perigosa etc. O governo neste caso conduz condutas e não é do seu interesse que os governados usem governar a si mesmos.

Portanto, é a presença de discursos verdadeiros, a palavra verdadeira, a coragem de falar a verdade qualifica qualquer forma de governo e permite uma diferenciação ética tanto daqueles que governam quanto daqueles que são governados. Um tirano, um monarca, um soberano pessoalizado pode ter um ânimo



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

de virtude e ouvir a um discurso sincero e quem sabe aprimorar sua forma de governar. Contudo, quando estamos na democracia a pessoalidade do governo não está em jogo, mas trata-se, como já dissemos de dispositivos de governamentalidade que são impessoais e de relações de poder em que este não está de posse de alguém, mas está exatamente circulando. Por isso o discurso demagogo é o que impera e subtrai as possibilidades da diferenciação ética da *Parrhesía*. E neste caso, trazemos Foucault que nas suas análises das formas de democracia antiga descreve:

No caso da democracia, se a *parresía* não era recebida e se mesmo quando se encontrava alguém que tinha a coragem de usar da *parresía*, este era eliminado em vez de honrado, era precisamente porque a estrutura da democracia não permitia reconhecer e dar lugar à diferenciação ética. É ausência de lugar para o *éthos* na democracia que faz que a verdade não tenha lugar nela e não possa ser ouvida (FOUCAULT, 2011, p. 57).

Ao que nos parece três questões estão muito imbricadas e se revelam em oposição uma com a outra no problema que viemos tratando desde o início deste trabalho: as relações entre *Alétheia*, *politéia* e *éthos*. Por certo, a organização das relações de poder precisa ter espaços para a verdade. Pelo mesmo lado, aqueles que pronunciam a verdade precisam de condições formativas do seu caráter para dizerem a verdade, e, por conseguinte, estes indivíduos precisam se ver e se constituírem como sujeitos éticos da própria conduta.

Por certo, a esta altura do texto podemos reivindicar uma responsabilidade ético-política para a filosofia. Como Foucault sugere no clássico texto *Filosofia Analítica da Política* precisamos de uma Política da Filosofia. Esta responsabilidade ético-política da filosofia necessita sim colocar a questão da verdade sem deixar nunca de lado as condições empíricas que permitem esse dizer a verdade. A responsabilidade que pleiteamos para a filosofia, portanto, necessita atentar para as condições de possibilidade de diferenciação ética do indivíduo de um lado e de outro lado compreender os fundamentos e fissuras das estruturas políticas em que o dizer verdadeiro terá espaços de direito, a liberdade e o dever moral de ser pronunciado. No entanto, a responsabilidade que reivindicamos para a filosofia além de considerar as condições da moral do indivíduo, da organização das relações de poder precisa sempre de um pano de fundo que é a questão da verdade. Michel Foucault é evidente na sua fala:



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

A atitude técnica ou a atitude de ensino na filosofia não é, ao contrário, a que busca prometer num futuro encontrar numa unidade fundamental o ponto de coincidência entre *alétheia*, *politeía* e *éthos*, mas ao contrário a que busca definir, em sua irreduzível especificidade, sua separação e sua incomensurabilidade, as condições formais do dizer-a-verdade (é a lógica), as melhores formas de exercício de poder (é a análise política) e os princípios da conduta moral (é simplesmente a moral). Digamos que essa atitude em filosofia é o discurso da heterogeneidade e da separação entre *alétheia*, *politeía* e *éthos* (FOUCAULT, 2011, p. 61).

Ora, se não um fundamento último que reúna moral, política e verdade sob uma unicidade originária, se há tensão entre estas noções, se são heterogêneas, então é preciso reivindicar alguma noção, alguma atitude corajosa que reflita a diferenciação ética do indivíduo, as relações de poder na qual este sujeito está imerso e claro uma verdade que faça progredir tanto a ética, quanto a política. Para nós é a *Parrhesía* esta atitude necessária e fundamental capaz de sintetizar a responsabilidade que pleiteamos para a filosofia e que traz em sua singularidade a capacidade de relacionar três noções tão antagônicas, sem fundamento necessário que são as noções de ética, política e verdade. Contudo, uma questão permanece: ante à demagogia, à lisonja e o iminente perigo do banimento da comunidade política é a democracia um processo, uma forma de governo capaz de permitir aos sujeitos essa diferenciação ética necessária ao parrhesiasta?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve texto lidou com um problema amplo e desafiador: as tensões, disputas, jogos que envolvem política, verdade e ética no campo da Democracia. Ante a estas tensões procuramos trazer a noção de *Parrhesía* como uma forma de responsabilidade ético-política para a filosofia. Para chegarmos a esta reivindicação propusemos uma análise e reflexão sobre a proveniência da noção grega de *Parrhesía*. De maneira bastante incisiva destacamos que a *Parrhesía* não surge ao natural, não está presente em todo discurso, mas carece sim de uma formação ética daquele que se pretende parrhesiasta. Desde o princípio deste projeto viemos marcando uma relação e uma tensão entre sujeito, verdade e poder, noções que nos remetem à ética, à política e ao fundo de verdade que precisa estar em todos os campos. No campo da democracia destacamos a lisonja e a demagogia como atitudes hegemônicas que impedem e são adversários diretos de uma palavra verdadeiramente *parrhesiasta*.



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

Com este norte procuramos desenvolver algumas reflexões sobre questionamentos acerca do porquê a democracia é um lugar tão difícil, tão improvável, tão perigoso, para a consolidação de discursos de *Parrhesía*. A partir destas reflexões tentamos pensar sobre a (im) possibilidade da diferenciação ética no campo político da democracia. Assim trouxemos algumas noções biopolíticas como “corpo político”; “administração da vida”; “dispositivos de segurança”; “sujeito político como utilidade pública” e “governamentalidade da crise” e fomos enfáticos em afirmar que essas questões promovem uma infantilização do sujeito ético e, portanto, são percalços a diferenciação ética do sujeito.

Por fim, como saída, reivindicamos uma responsabilidade ético-política para a filosofia. Os pontos marcantes desta responsabilidade é o fato dela não considerar questões de poder, verdade e *éthos* em separado, mas exatamente nas suas relações, tensões e nas suas especificidades. Por isso se faz necessário a *Parrhesía* e uma política da filosofia.

### REFERÊNCIAS<sup>3</sup>

FOUCAULT, Michael. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3ª ed. (Trad.: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail) São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

\_\_\_\_\_. **L’herméneutique du sujet**. Cours au Collège de France, 1981-1982. Ed. Frédéric Gros. Paris: Gallimard; Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Coragem da Verdade**: O Governo de Si e dos Outros II Curso no College de France (1983-1984). (Trad.: Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. A Ética do Cuidado de si como Prática da Liberdade. In.: **Ditos e Escritos Vol. V: ética, sexualidade, política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006a.

\_\_\_\_\_. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 3ª ed. (Trad.: Roberto Machado e Eduardo Jardim Moraes) Rio de Janeiro: Nau, 2002.

\_\_\_\_\_. Genealogia e Poder. In.: **Microfísica do Poder**. 22ª ed. (Trad.: Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade vol. II**: o uso dos prazeres. 13ª ed. (Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque) Rio de Janeiro: Graal, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Histoire de la sexualité II: L’usage des plaisirs**. Paris: Gallimard, 1984.

3 As referências a seguir foram usadas na execução do projeto e não somente para a escrita deste artigo.



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade vol. III: o cuidado de si.** 11ª ed. (Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque) Rio de Janeiro: Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. **Histoire de la sexualité III: Le souci de soi.** Paris: Gallimard, 1984.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a Genealogia e a História. In.: **Microfísica do Poder.** 22ª ed. (Trad.: Roberto Machado) Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

\_\_\_\_\_. Polêmica, Política e Problematizações In.: **Ditos e Escritos Vol. V: ética, sexualidade, política.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006ª.

\_\_\_\_\_. O Cuidado com a Verdade. In.: **Ditos e Escritos Vol. V: ética, sexualidade, política.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006a.

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros:** curso dado no Collège de France (1982-1983). (Trad.: Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

\_\_\_\_\_. O Retorno da Moral. In.: **Ditos e Escritos Vol. V: ética, sexualidade, política.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006a.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o Poder. In.: DREYFUS, H., RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** 2ª ed. (Trad.: Vera Porto Carrero e Gilda Gomes Carneiro) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, pp. 273-295.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche.** (Trad.: de Oswaldo Giacoia Junior; apresentação de Scarlett Marton). São Paulo: Anablume, 1997.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia.** (Trad.: Clademir Araldi; apresentação de Scarlett Marton) São Paulo: Unifesp, 2009.

NAVIA, Luis E. **Classical Cynicism: A Critical Study.** London: Greenwood Press, 1990

ONFRAY, Michel. **Cynismes: Portrait du philosophe en chien.** Paris: Grasset, 1996.

PESTAÑA, José Luis Moreno. Isegoría y parresia: Foucault lector de *Ión*. **Isegoría:** revista de filosofía moral y política. Madrid, nº 49, julio-diciembre, 2013, pp. 509-532.

PORTOCARRERO, Vera. A questão da *parrhesia* no pensamento de Michel Foucault, Pierre Hadot e Martha Nussbaum. In.: Rev. Filos., **Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 32, p. 81-98, jan./jun. 2011.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Parresía Cínica e Política: Heroísmo filosófico e psicologia social. In.: **ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade,** Rio de Janeiro: RJ, v. 2, n.2 p. 130-147, ago./dez. 2012.



RODRÍGUEZ, Norma Beatriz. *Parrhesía cínica e bíos kynikós: desplazamientos del lugar del cuerpo en “el coraje de la verdad”* In: **10º Congreso Argentino y 5º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias**. Argentina: La Plata, 9 al 13 de septiembre de 2013.

RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé . Poder, violência e biopolítica: Diálogos (in)devidos entre H. Arendt e M. Foucault. **Revista Veritas**, v. 59, p. 10-37, 2014.

SIMPSON, Zachary. The Truths We Tell Ourselves: Foucault on *Parrhesia*. In.: **Foucault Studies**, Frederiksberg: Dinamarca, nº. 13, pp. 99-115, May 2012.

SLOTERDIJK, Peter. **Crítica da razão cínica**. Trad.: (Marco Casanova). São Paulo: Estação Liberdade, 2012.